



# Maré de Lua

Ilha Rasa, Almeida, Ponta do Lanço, Mariana, Medeiros, Ilha das Peças, Barra do Ararapira, Guaraqueçaba e Bertiooga

Ano I • Nº 1 • Novembro de 2003

## EDITORIAL

O *Maré de Lua* é fruto de um trabalho em parceria com as comunidades de Guaraqueçaba, onde o Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa vem atuando. Quando iniciamos nosso trabalho, com ações de pesquisa sobre o papagaio e educação ambiental nas escolas, tivemos a oportunidade de conhecer melhor as comunidades, os costumes dos moradores, seu cotidiano, suas dificuldades. E quanto melhor conhecemos estas pessoas, mais nos encantamos com suas histórias de vida, lendas, dons artísticos, conhecimentos e respeito sobre a natureza. Nós percebemos o quanto é fundamental a participação de todos os moradores para que o papagaio-de-cara-roxa e toda a natureza continuem exuberantes. E como também é importante para cada morador da região que esta natureza seja preservada, pois é dela que muitos dependem para sobreviver.

O *Maré de Lua* é uma homenagem a todos estes moradores que vivem e respeitam a região de Guaraqueçaba. É um instrumento de divulgação das suas comunidades e seus costumes, um espaço para as pessoas expressarem seus pensamentos, contarem suas histórias de vida. Nós também destinamos um espaço para as instituições que atuam na região, com trabalhos voltados para a conservação, saúde e educação.

Neste primeiro exemplar, o leitor encontrará matérias sobre as comunidades de Ilha Rasa, Ilha das Peças, Almeida, Bertiooga e Guaraqueçaba. Poderá conhecer mais sobre o Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa, o PróAção e saber o que foi discutido no Encontro de Pesquisadores do Parque Nacional de Superagüi.

**Elenise Sipinski (Tise)**  
Coordenadora do Projeto de  
Conservação do Papagaio-de-cara-roxa

## Especial Ilha das Peças

Peças é a primeira ilha a protagonizar uma série de reportagens especiais do *Maré de Lua* sobre a história e o cotidiano de comunidades da APA. Nesta primeira edição, o pescador Josino Pereira, morador da Ilha das Peças há mais de 50 anos, fala sobre as aventuras e dificuldades de sua profissão, dá sua opinião em relação aos turistas e prova como a força de vontade é capaz de superar obstáculos.

PÁGINAS 4 e 5



### **Alerta ambiental Estudantes de Guaraqueçaba debatem os problemas ambientais presentes no município**



Alunos revelam as precárias condições do lixão da cidade

PÁGINA 6



Janete ensina na escola da comunidade há 20 anos

**Na ponta do lápis  
Em entrevista, Janete Silva  
Pereira, professora de  
Bertiooga, fala sobre a  
situação do ensino na região**

PÁGINA 7

### **Direto do forno Cozinha Comunitária de Almeida atende turistas e moradores na Ilha Rasa**



As integrantes da Cozinha: Elisângela Pinto, Roseli Oliveira e Edna dos Santos

PÁGINA 8

# Ilha Rasa: Linda de norte a sul

Ezequias França \*

Nossa comunidade tem uma área verde bem conservada por nós, nativos, e um povo humilde, hospitaleiro, que vive da pescaria na sua maioria. Lindas paisagens, com uma vista exuberante, com um nascer do sol único. Temos uma boa qualidade de vida, pois possuímos água encaçada e luz elétrica.

O lazer na Ilha é à tarde, quando os homens jogam futebol. As nossas crianças estudam no ensino fundamental apenas as suas quatro séries iniciais. A religiosidade das pessoas também é relevante, já



que em sua maioria o povo é católico. Em todos os anos, acontece no final do mês de agosto, a festa que movimentava a Ilha com torneios, bailes e novenas, e desenvolve os comércios locais.

Essa é uma pequena síntese de uma Ilha abençoada por Deus e bonita por natureza, como diz uma bela canção.

Ilha Rasa, mar azul  
Bonita de rara beleza  
Linda de norte a sul

\* Estudante de magistério e morador da Ilha Rasa

## Mostre seu talento

Você também pode fazer parte desta seção.

Entregue sua carta, artigo, poesia ou desenho ao

Professor Wilson (Negrola) ou a qualquer funcionário da SPVS,

para que o *Maré de Lua* possa publicá-lo. Participe!

Os artigos assinados não expressam, necessariamente, a opinião do jornal.

# Guaraqueçaba, Beleza Pura

Wilson Nunes de Souza (Negrola) \*

O ventre guaraqueçabano é fértil, pródigo e belo. O traçado caprichoso da Serra do Mar, em magnífico fundo azul, contrasta com variados matizes de verde da Mata Atlântica. A fantástica profusão de espécies vegetais extasia a todos. Tanto àqueles que se quedam em simples contemplação, quanto àqueles que as estudam. Sua rica fauna, ainda tem segredos a revelar. Tem a banhá-lo um complexo estuarino-lagunar com importância ímpar para a vida marinha do Atlântico Sul. Aproximadamente oito mil almas complementam a magnitude destes dois mil quilômetros quadrados de beleza e pujança.

Aqui estavam os índios em 1545 a receber os visitantes não convidados, que nunca mais partiram. A princípio, espanhóis e, a seguir, portugueses e franceses, suíços e negros, alemães, árabes e japoneses. Um cadinho de vivências e interação que originou um povo com cultura característica. Eis Guaraqueçaba, mutante como tudo.

A perspicácia dos olhos, aliada da mão incansável, construiu um tesouro fantástico que conta a história de uma época que se evolva lentamente como fumaça, rumo ao esque-



cimento imposto pelo tempo. A necessidade de buscar soluções para os problemas do cotidiano levou este povo a construir instrumentos que possibilitassem subsistir neste território isolado. A canoa, imprescindível para os homens das águas,

que alia sabença e arte. A rede, simétrica e ajustada, sacia a fome. O pilão, tronco pesado, leve em sua forma, é a certeza da farinha farta. A argila moldada com arte é a panela para seu pirão e guarda em seu bojo a delícia da frescura da água da fonte. A alma precisa de canto e dança e a caxeta transforma-se em sonora rabeça e viola brincante. O fio trançado com arte é o enfeite de mesa da moça faceira de blusa bordada, é a beleza da colcha da cama macia. O junco trançado é gostosa esteira para o corpo cansado. Nos momentos de nada, o prazer em fazer em madeira esculpida o bicho feroz que é brinquedo do filho ou boneca de pano da filha mimada.

Faz-se necessário registrar esta arte ímpar e seus autores enquanto existe. Partilhá-la, impedir que feneça como uma flor que aos poucos perde seu doce aroma. É uma fatia significativa da história do litoral paranaense que, sem dúvida, merece ser mostrada com arte. A arte das imagens capturadas em um flash!!! Para ser visto e revisto em páginas viradas.

\* Professor e morador de Guaraqueçaba

**EXPEDIENTE** *Maré de Lua* é uma publicação semestral, destinada a comunidades da Área de Proteção Ambiental (APA) de Guaraqueçaba onde atua o Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa.

**Coordenação Editorial:** Ricardo Gomes Luiz (CONRERP SP / PR 3306) **Fotos:** Zig Koch **Projeto Gráfico e Diagramação:** Celso Arimatéia **Ilustrações:** Denise Costa **Assistente de Produção:** Juliane Bazzo **Conselho Editorial:** Elenise Sipinski (Tise) - Bióloga Coordenadora do Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa, Ricardo Gomes Luiz - Relações Públicas Assessor de Comunicação da SPVS, Juliane Bazzo - Estagiária de Jornalismo da SPVS, Wilson Nunes de Souza (Negrola) - Professor Consultor da SPVS, Ivair Pereira de Siqueira - Funcionário do Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa **Impressão:** Gráfica O Estado do Paraná **Tiragem:** 3.000 exemplares



Rua Gutemberg, 296 CEP: 80420 030 Curitiba Paraná Tel. / Fax: (41) 242-0280  
www.spvs.org.br - e-mail: jornalismo@spvs.org.br

Colaboradores:



# Pela vida do

# Papagaio-de-cara-roxa

Projeto que defende a espécie ameaçada de extinção desenvolve novas ações na APA

O papagaio-de-cara-roxa é uma ave especial. Sensível a qualquer alteração no ambiente em que habita – a Floresta Atlântica – o animal é capaz de indicar se a mata está sendo conservada ou não. Por esse motivo, ele tornou-se a espécie símbolo do projeto encabeçado desde os anos 90 pela Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS).

Graças a um financiamento do Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) e a uma parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), o Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa está desenvolvendo novas ações na Área de Proteção Ambiental (APA) de Guaraqueçaba, ambiente natural da espécie.

Uma delas é o lançamento do jornal *Maré de Lua*, que circulará em Ilha Rasa, Medeiros, Ilha das Peças, Bertiooga, Barra do Ararapira e em Guaraqueçaba. “A publicação possibilitará uma melhor interação entre a SPVS e as comunidades”, afirma o assessor de comunicação da SPVS, Ricardo Gomes Luiz.

## Ecoturismo

A capacitação de moradores da Ilha das Peças para desenvolverem o ecoturismo no local é outra ação que está sendo colocada em prática pelo Projeto da SPVS. Diferentemente do turismo tradicional, o ecoturismo preocupa-se com a conservação das riquezas naturais e da cultura das comunidades tradicionais.

Em agosto deste ano, aconteceu na Ilha das Peças a primeira de um série de oficinas de formação. A segunda foi realizada em outubro. “As oficinas de capacitação pretendem aperfeiçoar o atendimento aos visitantes e, desse modo, incrementar a renda da comunidade local”, explica o enge-



Moradores da Ilha das Peças estão participando de oficinas de capacitação em ecoturismo

neiro florestal Adilson Wandembruck, que está coordenando os trabalhos.

Além de Wandembruck, a equipe responsável pela ação é formada pela estagiária de turismo Ana Paula Corrazza e por colaboradores voluntários da Ilha das Peças.

## Pesquisa

Além das metas de relacionamento com as comunidades, o

Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa prevê o desenvolvimento de ações de pesquisa. Entre elas, está a contagem do número total de indivíduos da espécie que vivem no litoral paranaense. “O censo permite avaliar se, com o passar do tempo, a população de papagaios-de-cara-roxa aumentou, diminuiu ou permaneceu estável”, explica o biólogo e técnico do Projeto, Roberto Bóçon. Para a realização do censo, a SPVS está contando com a colaboração de alunos do curso de biologia da PUC-PR. “Trabalhar com o papagaio-de-cara-roxa é uma grande aprendizagem, porque conservá-lo significa proteger a floresta”, afirma a estudante Adriana do Valle.

O acompanhamento de filhotes de papagaio-de-cara-roxa, por meio do uso de rádios-colares, é também uma das metas de pesquisa. “Com esse monitoramento, será possível conhecer os caminhos percorridos pelos bandos e definir áreas prioritárias de conservação”, explica a bióloga e técnica do Projeto, Roberta Boss.

O estudo da reprodução do papagaio-de-cara-roxa em cativeiro é a única ação de pesquisa que será desenvolvida fora da APA de Guaraqueçaba. Em parceria com a SPVS, profissionais do Zoológico Municipal de Curitiba estão acompanhando o comportamento de seis casais, instalados em recintos no próprio zôo. “A reprodução em cativeiro é uma forma de prevenção para que, em caso de necessidade no futuro, existam indivíduos capazes de serem inseridos na natureza”, diz o chefe do serviço de aves do Zoológico e pesquisador da espécie, Pedro Scherer Neto.

## Pró-Comunidade

Os moradores da Ilha Rasa estão recebendo visitas médicas e odontológicas a cada quinze dias, desde julho deste ano. A iniciativa é também uma das novas ações do Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa, desenvolvida em parceria com as associações de moradores do local e o PróAção, programa de ação comunitária da PUC-PR.

O Programa PróAção conta com um núcleo de atendimento instalado em Guaraqueçaba. Por meio dele, a PUC-PR oferece oportunidade de estágio a estudantes dos cursos de graduação. Assessorados por profissionais, os alunos trabalham em projetos de saúde, educação, saneamento e ecologia, direcionados à população local. “Por meio do trabalho voluntário, o PróAção abre espaço ao exercício da cidadania e possibilita melhorias na qualidade de vida da comunidade”, declara o coordenador do Programa, Máximo Della Justina.

## ENCONTRO

### Pesquisadores buscam aproximar-se das comunidades

A equipe do Projeto de Conservação do Papagaio-de-cara-roxa participou do *Encontro de Pesquisadores do Parque Nacional do Superagüi*, promovido pelo IBAMA-PR no mês de julho. Também estiveram no evento o Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), o Instituto de Pesquisas Cananéia (IPEC) e pesquisadores vinculados a instituições de ensino superior. O relacionamento entre os pesquisadores e as comunidades, localizadas dentro e no entorno ao Parque Nacional, foi um dos assuntos mais discutidos durante o encontro. Os participantes debateram sobre qual a melhor forma de repassar os resultados das pesquisas aos moradores. Outra questão abordada foi a possibilidade de parceria entre as instituições para a realização de projetos de organização comunitária.



O IPÊ concentra seus esforços na conservação do mico-leão-da-cara-preta e o IPEC desenvolve pesquisas com o boto cinza. Ambas as espécies vivem no entorno do Parque Nacional

# O dia a dia da Ilha na VOZ do pescador

**Morador da região há mais de meio século, Josino Pereira é testemunha viva das mudanças que ocorreram na Ilha das Peças com o passar dos anos**

Josino Pereira, 66 anos, não se lembra com que idade aprendeu a pescar. Só se recorda que desde os seus oito anos, época em que veio morar na Ilha das Peças, já estava envolvido com a profissão que exerce até hoje. “Fazia uma viagem ali, arrumava um motor aqui”, conta. Nascido no Marujá, Estado de São Paulo, Josino mudou-se para Ilha com a mãe e os irmãos. Ali, ele constituiu sua família. Casou-se e teve sete filhos – quatro meninas e três garotos. Os homens tornaram-se todos pescadores como ele.

O dia de Josino começa quase sempre às duas ou três da madrugada, hora em que geralmente ele vai para o mar. Uma rotina semelhante a dos demais pescadores da Ilha, não fosse por um detalhe. Há pouco mais de um ano, Josino sofreu um acidente durante uma pescaria, e acabou perdendo um dos braços. “Quando eu estava quase chegando em casa, tirei a buçira para esgotar a água. Enquanto isso, o motor ficou virando. Na hora em que fui fechar para não entrar mais água, o braço pegou no eixo. Aí eu caí e quando acordei já estava no hospital em Curitiba”, conta.

Mas o acidente não impediu que Josino continuasse trabalhando. Sentado num banquinho, remando com apenas

uma mão, ele continua retirando do mar o sustento da família. “Quando sofri o acidente, pensei que não ia poder andar nem de canoa a remo. Mas a gente que está acostumado a trabalhar, não consegue parar. Mesmo que não pesque, sempre estou fazendo alguma coisa. Já até consertei um barco só com uma mão”, afirma.

## Linha do tempo

Na Ilha das Peças, Josino acompanhou a diversificação dos instrumentos utilizados na pesca. Os novos equipamentos alteraram a maneira como os pescadores realizavam seu trabalho. Com o passar dos anos, a rede de cabo e o engodo cederam lugar à rede de arrasto e à tarrafinha. O uso desses novos aparelhos provocou, a princípio, um aumento na produtividade. “No arrasto, chegávamos a pescar até 300 quilos de camarão branco. Sete Barbas então, nem se fala, vinha tanto, que ficava até de graça”, recorda-se.

As novidades, porém, foram mostrando suas desvantagens no decorrer do tempo. “A gente pesca mais usando a tarrafinha, só que o peixe acaba mais rápido. Com a rede de cabo, isso não acontece”, explica o pesca-

dor. Além dos novos instrumentos, Josino aponta outras causas para a queda da produção ao longo dos anos. “Quando vim morar na Ilha, existiam poucos pescadores. Mas esse número foi aumentando muito. Antigamente também não havia barco de motor a óleo, só a gasolina, que dá muito mais gasto”, conta.

## Dificuldades

Mesmo com o declínio na produtividade, a maioria da população da Ilha das Peças continua sobrevivendo da pesca. As opções de trabalho se restringiram, já que a lavoura não é mais praticada como antigamente. Segundo Josino, devido a problemas financeiros, muitos moradores acabam se mudando para a ‘cidade’. “É muito difícil um pescador ficar bem de vida às custas de seu trabalho”, afirma ele.

De acordo com Josino, se os pescadores tivessem a possibilidade de construir viveiros, o problema da produtividade estaria resolvido. “Assim, não precisaríamos tirar o peixe do mar. Se o pescador tem uma criação, só precisa tratar dela. Mas, hoje em dia, não há condição de se

## O lugar onde vive Josino

A Ilha das Peças está localizada na Baía de Paranaguá, no litoral norte do Paraná, e é vizinha da Ilha do Mel e de Superagüi. Os primeiros habitantes do território foram os índios tupiniquins. Na época da pirataria, chegaram os europeus: franceses desembarcavam em Superagüi e se refugiavam na Ilha das Peças para aguardar as embarcações que iriam saquear.

Os antigos dizem que a Ilha possui este nome porque era esconderijo para as peças saqueadas pelos piratas. Outros afirmam que a denominação é uma referência ao tráfico de escravos, chamados de peças. Nenhuma das duas versões, entretanto, tem qualquer registro oficial.

A primeira construção levantada na Ilha das Peças foi uma capela de madeira em homenagem ao Padroeiro São Sebastião. Em torno dela, foram surgindo habitações e logo formou-se um povoado. Todos os anos, no mês de janeiro, acontece uma festa em homenagem ao Santo Padroeiro. ■

construir um viveiro. Pescador não consegue empréstimo em banco, a não ser que coloque alguma coisa em risco, como uma casa, por exemplo”, explica.

## Turismo

O pescador também viu aumentar o número de turistas na Ilha das Peças. Segundo ele, muitos visitantes inconscientes acabaram contribuindo para a diminuição da quantidade de peixes, por praticarem a pesca ilimitadamente. “Há turistas que não respeitam a comunidade. Um deles até mudou um caminho, por onde todo mundo passava há uns 80 anos”, conta. Ele ressalta, porém, que a presença do visitante educado é bem-vinda. “Existem turistas aqui na Ilha que dão valor ao trabalho do pescador”, declara.

## Sabedoria

Josino afirma ter encontrado na Ilha das Peças um refúgio, onde as pessoas são de confiança. Ele diz que procura orientar jovens da comunidade que, por algum motivo, estejam se desviando do bom caminho seguido por seus pais. “É um dever aconselharos a juventude”, conclui o pescador. ■

## Redescobrimo riquezas

A Ilha das Peças abriga importantes áreas de manguezais, restingas e da Floresta Atlântica. Nela e em seu entorno, vivem animais raros, como o papagaio-de-cara-roxa e o boto cinza. Em virtude dessas riquezas naturais, o território faz parte do Parque Nacional de Superagüi desde 1989. Uma das mais belas caminhadas na Ilha das Peças é pela grande praia, que se estende por cerca de 15 quilômetros a partir da vila dos pescadores, contornando a porção sul do território. Por este caminho, é possível avistar a Ilha do Mel e a Ilha de Superagüi. Esta última parece tão próxima que, segundo pescadores, é possível alcançá-la, por meio dos bancos de areia, quando a maré está bem baixa. ■

## Histórias de Pescador

Tantos anos de experiência no mar renderam a Josino algumas aventuras. Certa vez, o pescador e dois camaradas estavam na baía da Ilha do Pinheiro aguardando os peixes. A noite já havia caído. Josino era o mestre da embarcação. De repente, ele acabou cochilando e caiu na água. Seus companheiros estavam dormindo na proa e não ouviram nada. “Aí lembrei que estávamos indo em direção ao fundo, deixando o baixio (banco de areia). Então, voltei ao raso e não acompanhei a canoa. Consegui tirar as botas e comecei a nadar”, conta. O barco continuou seu caminho, até que, inesperadamente, o motor parou de funcionar. Os companheiros de Josino se assustaram e acordaram. Só então viram que o pescador havia caído no mar. “Aí eles voltaram para me buscar”, afirma.

Outro grande apuro aconteceu na baía da Ilha das Peças. Josino e mais três companheiros estavam pescando à noite, em maré de vazante. De repente, um cação entrou na rede. Segundo Josino, o peixe devia ter uns sete metros e pesar cerca de 230 quilos. O cação, se movimentando a favor da maré, foi rebocando o barco. “Quando chegou a hora de recolhermos as coisas, o peixe parecia morto. Resolvemos abordá-lo com a luz para ter certeza. Na verdade, estava cansado. Ao enxergar a luz, continuou se movimentando”, recorda-se. Quando o cação percebeu que a embarcação chegava na beira da praia, derrubou os pescadores da canoa. O animal acabou morrendo na areia e depois vendido. ■



Ana Paula Corazza

## Retratos da ilha

Atualmente, vivem na Ilha das Peças cerca de 350 pessoas. Os moradores da Ilha, em sua grande parte, sobrevivem da pesca, assim como quase 57% da população da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba. As espécies mais comuns são o camarão, o bagre, a corvina, a pescada, o cação, a sardinha, a tainha e o parati

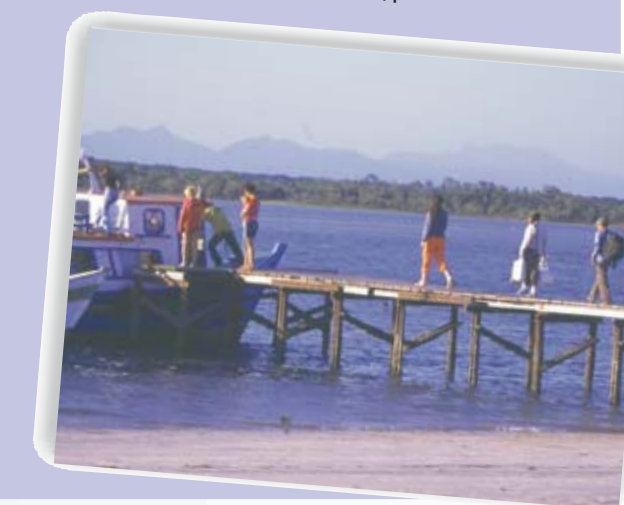


Duas cozinhas comunitárias funcionam na Ilha. A primeira delas foi fundada há seis anos e a outra inaugurada agora em 2003. O trabalho na cozinha mais antiga já gerou frutos: as participantes conseguiram comprar equipamentos e montaram uma panificadora



Todos os dias, no fim da tarde, os homens da comunidade se reúnem para uma partida de futebol

A barca traz passageiros de Guaraqueçaba e Paranaguá à Ilha das Peças todos os dias. Durante a temporada, um linha de apoio é colocada em funcionamento, para atender os turistas



# Pequenos guaraqueçabanos em defesa de uma grande causa

**Estudantes detectam problemas ambientais no município e discutem soluções**

Durante a Semana do Meio Ambiente, no último mês de junho, alunos de 8ª série das escolas estaduais de Guaraqueçaba foram às ruas para levantar as principais ameaças ao ambiente onde vivem. Essa mesma atividade aconteceu em todas as instituições estaduais de ensino do litoral paranaense, como uma iniciativa das Secretarias de Estado da Educação e do Meio Ambiente (SEMA) e do Instituto Ambiental do Paraná (IAP). O objetivo era que os estudantes elaborassem a *Carta do Litoral*, um documento a ser entregue ao governador do Estado, que descrevesse os mais graves problemas ambientais da região e o que fazer para solucioná-los.

Em Guaraqueçaba, alunos e professores trabalharam durante dez dias. Equipes se espalharam pela cidade para detectar, através de questionários, as dificuldades enfrentadas pela população – problemas com esgoto, destino do lixo, cuidados com animais, entre outros. “Os estudantes decidiram tudo, do início ao fim. O resultado foi surpreendente, porque eles não receberam nota ou qualquer retribuição material por esse trabalho”, conta o professor de ciências Vicente Bicudo. Baseada nas respostas dos moradores, a turma fotografou os pontos em situação mais crítica no município.

## Surpresas

Durante a produção do trabalho, os estudantes se surpreenderam com o que viram, principalmente no lixão de Guaraqueçaba. “Carcaça de bicho, lixo hospitalar, fica tudo amontoado lá. Daí, no meio daquilo, crianças vão procurar latinhas”, explica Nágila Soares.

Outra surpresa para os alunos foi a grande quantidade de animais, como cães e cavalos, soltos pelas ruas, o que os levou a propor a criação de um espaço para abrigá-los. Quanto ao problema do lixão, a sugestão foi o uso de incinerador para queimar os resíduos hospitalares.



A situação do lixão de Guaraqueçaba impressionou os estudantes

Outros problemas identificados pelo grupo na região foram o assoreamento causado pelo acúmulo de resíduos na baía, vindos da estrada (PR-405); a preservação das matas ciliares, vegetação protetora dos rios; a poluição do Rio Tagaçaba por turistas, em virtude da inexistência de coleta de lixo no local e a pesca predatória. “As pessoas estão desinformadas. Nos terrenos de algumas casas, há lixo, ratos e os moradores não sabem que isso pode provocar doenças”, afirma a estudante Vanessa Patrício.

## Apresentação

Depois de dez dias de trabalho, Nágila e Vanessa foram as alunas escolhidas pela turma para apresentar o resultado da pesquisa na Universidade Estadual de Paranaguá, onde se reuniram estudantes, professores e autoridades públicas dos municípios litorâneos para elaborar a *Carta do Litoral*. Após um debate, o documento foi finalizado com mais de uma dezena de reivindicações ambientais. ■



Os alunos propuseram a criação de um espaço para abrigar os animais que se encontram soltos pelas ruas do município

## Conselho da APA é implantado em Guaraqueçaba

**A segunda reunião do grupo aconteceu no último mês de agosto**



Moradores das comunidades fazem parte do grupo de conselheiros

Consolidar um espaço de discussão sobre os problemas ambientais da região, com a participação social. Essa é a função do Conselho da Área de Proteção Ambiental (APA) de Guaraqueçaba, criado em agosto deste ano. Moradores de comunidades tradicionais de Guaraqueçaba, Antonina e Paranaguá, responsáveis por áreas de conservação, membros de universidades, representantes de ONGs, integrantes de órgãos públicos e privados formam o grupo de conselheiros.

Ao todo, 23 pessoas estarão definindo e desenvolvendo ações que permitam a conservação do meio ambiente e, ao mesmo tempo, possibilitem a melhoria das condições de vida da população. “A participação da sociedade nas decisões é um elemento central na luta pelo direito à cidadania”, afirma o Chefe da APA, José Consoni. Durante a segunda reunião do grupo, realizada em agosto, os participantes assinaram a ata de criação do Conselho, trabalharam na elaboração do regimento interno e estabeleceram um quadro de tarefas. ■

### A opinião das comunidades

“A partir do momento em que as comunidades têm a oportunidade de expor suas necessidades em conjunto, o Conselho poderá dar prioridade a elas.”

Marcos Andrioli, representante das comunidades de Ilha Rasa, Almeida, Mariana, Ponta do Lanço, Massarapuã, Medeiros de Cima e de Baixo

“Os membros do Conselho têm interesse em chegar a algum lugar. Estou esperançoso de que as coisas irão melhorar.”

Walfrido Ferreira, pescador representante das comunidades de Eufrasina, Europinha, Ponta do Uva/Prainha, Saco do Tambarutaca, Piaçanguera e Amparo

# Educando para o futuro

## Há quanto tempo você trabalha como professora?

Desde que vim morar em Bertioga. Mas só há três anos concluí o magistério. Na época em que comecei, há 20 anos, não era exigido mais que a 4ª série para trabalhar como professora. Só mais tarde o governo determinou que seria preciso completar os estudos para continuar ensinando.

## Durante todo esse período, quais foram os maiores obstáculos que você enfrentou?

Administrar o trabalho na escola sozinha é o principal deles. A turma agrupa alunos de 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries e é complicado ensinar para todos ao mesmo tempo, já que se encontram em diferentes níveis. Outro problema é que não há oportunidade de aperfeiçoarmos nossos conhecimentos para ensinar mais e melhor às crianças. Às vezes, eu e a professora de Barbados (comunidade próxima a Bertioga) desenvolvemos atividades juntas e assim trocamos experiências. O pouco material para as atividades em sala é também uma dificuldade.

## Como as crianças reagem diante da impossibilidade de continuarem os estudos após a conclusão da 4ª série?

Elas ficam muito tristes, porque querem permanecer estudando. Mas é muito complicado enviá-las a Paranaguá ou Guaraqueçaba para dar continuidade. Quando a família tem algum parente na cidade, facilita um pouco. Mas aqueles que se mudam são uma minoria: a cada quatro anos, apenas um ou dois alunos saem de Bertioga. A consequência disso é que as crianças acabam esquecendo com o tempo muito daquilo que aprenderam.

## E quais seriam os caminhos para resolver esse problema?

O ideal seria que houvesse outra professora para dar continuidade aos estudos. Chegamos a solicitar que moradores da comunidade fossem cursar magistério. Mas aqui todos estudaram apenas até a 4ª série e, para chegar ao magistério, ainda há um longo caminho. Essa situação dificulta a formação de novos professores na comunidade. Se eu parar de ensinar por um algum motivo, alguém de fora terá que me

**Escola Rural Municipal de Bertioga. Dezenove de agosto de 2003. É com essas palavras no quadro negro que a Professora Janete Silva Pereira começa, todos os dias pela manhã, as aulas na comunidade. Nascida em Barbados, Janete mudou-se para Bertioga aos 14 anos e está na comunidade há 20. Esposa de pescador, ela é mãe de três filhos. Dois deles já foram seus alunos, assim como as 23 crianças que hoje estão matriculadas na escola. Nesta entrevista, Janete fala sobre as alegrias e dificuldades enfrentadas no dia-a-dia da aprendizagem e conta como tem desenvolvido a educação ambiental em sala de aula.**



“ O que eu tento demonstrar é que na natureza está o futuro deles ”

substituir. E uma pessoa que não seja da comunidade vai encontrar mais dificuldades no trabalho em sala de aula, porque não estará acostumada com a realidade das crianças daqui.

## Qual é sua opinião sobre a presença dos turistas na comunidade?

A vinda do turista é boa para a comunidade, mas o problema é que muitos não respeitam, por exemplo, as normas de pescaria. Outra dificuldade é a venda de terrenos. O turista chega aqui e constrói facilmente. Já para o pescador é muito difícil levantar uma casa, porque ele não consegue autorização com rapidez.

## Todos sabem que as ilhas enfrentam grandes dificuldades no escoamento do lixo. Como você tem trabalhado essa questão com as crianças?

Fazer com que as crianças entendam que o lixo necessita de destino adequado não é difícil. Só que preciso da ajuda dos pais nessa tarefa, e nem todos estão conscientes do problema. Quando existia o Programa *Baía Limpa*, que recolhia o lixo e enviava a Guaraqueçaba, era tudo mais fácil. Agora, a maioria dos moradores está queimando os resíduos.

## E conservação da natureza, como tem sido abordada em sala de aula?

Já desenvolvi atividades sobre o papagaio-de-cara-roxa, com o objetivo de sensibilizar os alunos sobre a necessidade de conservação dessa espécie, por meio da não destruição dos ninhos e do combate à venda dos animais. As crianças fizeram cartazes, textos, desenhos e montaram um quebra-cabeça para abordar essas questões. Os alunos também realizaram trabalhos no Dia da Árvore. Costumo falar sobre a importância da floresta durante as aulas, explicando, por exemplo, que não se deve desmatar sem necessidade. O que eu tento demonstrar é que na natureza está o futuro deles.

## Qual é a reação das crianças diante das atividades de educação ambiental?

No início, elas têm um pouco de dificuldade para entender a importância da conservação. Aí a gente vai explicando e, devagar, os alunos vão compreendendo. Não é uma tarefa fácil, mas vale a pena pelo resultado final. ■

# Cozinha Comunitária é alternativa de renda em Almeida

Moradoras preparam refeições para visitantes e habitantes da comunidade

Arroz, feijão, salada, camarão, ostra, peixe frito. Esses são alguns dos pratos servidos ao público na Cozinha Comunitária de Almeida, em Ilha Rasa. A iniciativa surgiu há cinco anos, quando a EMATER (órgão do governo do Estado que trabalha com extensão rural) propôs às mulheres da comunidade a idéia de criar a Cozinha. Diante da aceitação das moradoras, foi solicitado apoio para a construção.

A partir de então, as mulheres de Almeida tiveram bastante trabalho. “Um pedreiro nos ajudou, mas todas colaboraram, carregando pedra, areia e terra, fazendo massa e outras coisas”, conta Roseli dos Santos Oliveira, a Rose, uma das pioneiras. Depois de seis meses, com a construção finalizada, as mulheres foram buscar os móveis em Paranaçu. “Quando tudo ficou pronto, a alegria foi geral”, recorda-se Rose.

A Cozinha Comunitária oferece almoço a visitantes e, à noite, são vendidos sanduíches e salgadinhos aos moradores da comunidade. Uma parte do dinheiro arrecadado é dividido entre as mulheres e outra é destinada às despesas da própria Cozinha.

No início, oito moradoras cozinhavam. Agora, são ape-



## Receita da Rose

### Salada de Ostra

**Ingredientes:** temperos diversos (cebolinha, cebola, limão etc.) e ostras grandes.

**Preparo:** Cozinhe as ostras. Após o cozimento, retire os miolos e lave bem. Coloque o conteúdo em uma tigela, adicione os temperos e está pronta para comer.

Rose trabalha pela manhã como merendeira na escola da comunidade e à tarde dedica-se à Cozinha

nas três: Rose, e as meninas Elisângela Correia Pinto e Edna dos Santos. “Muitas desistiram porque o ganho não é grande e difere em cada época. O período de cata do caranguejo é o de maior lucratividade, porque todos na comunidade ganham mais. Só que acontece apenas uma vez ao ano”, explica Rose. Ela diz que permaneceu porque pôde continuar trabalhando pela manhã como merendeira na escola da comunidade. “Mas o que eu ganho na Cozinha me ajuda bastante”, conta.

A Cozinha Comunitária encontra-se aberta para receber

novas integrantes. “Quando trabalhávamos em um grupo maior, aprendíamos muitas receitas novas uma com a outra”, relembra Rose. Apesar da equipe reduzida, Elisângela, Edna e Rose dizem estar sempre prontas para o trabalho. “A gente faz comida a qualquer hora, é só pedir”, afirmam. ■

**Serviço** Para encomendar refeições na Cozinha Comunitária, entre em contato pelo rádio amador 68, das 13h às 16h e das 18h às 22h.

# Cultura popular de Guaraqueçaba é resgatada no teatro

ARTES CÊNICAS

Animadores de bonecos relembram tradições do Fandango e da Bandeira do Divino em seus espetáculos

O grupo Fâmulos de Bonifrates nasceu no município de Guaraqueçaba, no ano de 1999, a partir de uma oficina de mamulengo – nome pelo qual é conhecida no nordeste do país a arte de animar bonecos. De lá para cá, a companhia montou oito espetáculos, realizou 130 apresentações e formou vários atores.

O significado do nome do grupo revela a paixão dos artistas pelo trabalho. ‘Fâmulos de Bonifrates’ quer dizer ‘Servos de Bonecos’. “Mesmo com todas as dificuldades para se trabalhar com teatro em um município pequeno, alcançamos reconhecimento e contribuímos para que se formasse um público de teatro aqui”, explica o integrante Eduardo Schotten, de 17 anos. Além dele, fazem parte da formação atual do ‘Fâmulos’ os atores José Carlos Muniz (20), Leandro Gonçalves (17) e Marcelo



Os atores do Fâmulos: valorizando os costumes populares de Guaraqueçaba

Mendonça (17). Eles próprios montam os espetáculos: redigem os textos e confeccionam bonecos, cenários e figurinos, utilizando material reciclável.

## A estréia

A primeira peça apresentada pelo Fâmulos de Bonifrates foi ‘O Canto do Galo’. A ave atua como narradora e faz a ligação entre as quatro histórias que compõem o espetáculo. Duas delas abordam o meio ambiente, ressaltando a importância da conservação do papagaio-de-cara-roxa, do palmito e da Floresta Atlântica. Outra relata uma história real que, segundo Eduardo Schotten, aconteceu na década de 80. “Um pescador, chamado Albertino, costumava dizer a todos na cidade que tinha como sonho capturar um peixe maior do que ele. Se isso acontecesse, afirmava, estaria realizado. Certa vez, Albertino saiu para pescar na baía e pegou um badejo enorme. No outro dia, o pescador morreu”, conta. ■

## Pé na Estrada

Nesses quase quatro anos de trabalho, o grupo apresentou-se em inúmeros eventos, entre eles o Festival Espetacular de Teatro de Bonecos de Curitiba, o Festival de Inverno da UFPR (Antonina/ PR) e o Festival Folclórico de Juventude (Toledo/ PR). Além de espetáculos, os meninos do ‘Fâmulos’ desenvolvem oficinas, palestras e exposições, sempre divulgando a cultura popular do município. “O grupo possui uma ‘meta guaraqueçabana’ expressa em todas as produções, direta ou indiretamente”, afirma Schotten.

O Fandango e a tradição da Bandeira do Divino Espírito Santo são temas comuns nas peças da companhia. Em virtude de Guaraqueçaba abrigar importantes riquezas naturais, o meio ambiente também está constantemente presente nos espetáculos. A peça ‘KD VC Perereka’, por exemplo, resgata a lenda do Salto Morato.

Tanta dedicação já gerou frutos. Em 2000, os jovens artistas venceram o Festival de Arte Estudantil, realizado em Paranaçu, com a peça ‘Farinha vs Cuscuz’. O espetáculo relembra a história da rixa entre as famílias da região e apresenta lendas populares. Neste ano, o grupo reestrou essa produção. ■

**Serviço** Os ensaios do Fâmulos de Bonifrates acontecem no antigo prédio do IBAMA em Guaraqueçaba. Os contatos com o grupo podem ser feitos pelo fone (41) 482-1364.